

Tensões da construção de uma agenda política e intelectual: uma análise da trajetória de Luiz Werneck Vianna

Marcelo Fontenelle e Silva ¹

 <https://orcid.org/0000-0001-7084-3714>

Resumo

Com foco nas décadas de 1970 e 1980, o presente artigo busca investigar as condições sociais que possibilitaram que Werneck Vianna fosse alçado a posições de relevo nas Ciências Sociais, destacando em que medida a sua trajetória pode ser considerada excepcional e as tensões próprias à constituição de sua agenda política e intelectual. Mobilizam-se, em especial, entrevistas biográficas e algumas de suas obras, de modo a situar sua trajetória em relação a modos distintos de exercício intelectual. Argumenta-se, assim, que a trajetória de Vianna pode ser caracterizada por sua capacidade de transitar, com êxito, entre configurações intelectuais distintas (em termos sincrônicos e diacrônicos); por situar-se em um contexto fortemente marcado pela mudança da relação entre a política e a intelectualidade; e pelo estabelecimento de redes de sociabilidade envolvendo tanto o espaço político quanto o acadêmico, bem como os dois principais estados da federação (São Paulo e Rio de Janeiro).

Palavras-chave: Werneck Vianna; intelectuais comunistas; trajetórias intelectuais; história das Ciências Sociais; pensamento político brasileiro.

Abstract

Tensions in the construction of a political and intellectual agenda: an analysis of Luiz Werneck Vianna's trajectory

Focusing on the 1970s and the 1980s, this article investigates the social conditions that allowed for the elevation of Werneck Vianna to a prominent position in the Social Sciences, highlighting the extent to which his trajectory can be considered exceptional, and the inherent tensions related to the constitution of his political and intellectual agenda. In particular, biographical interviews and some of his works are mobilized in order to situate his trajectory in relation to different modes of intellectual exercise. It is argued that Vianna's trajectory can be characterized by his ability to successfully move between different intellectual configurations (both synchronously and diachronically); by taking place in a context of transition, which is strongly marked by the change in the relationship between politics and intellectuality; and by the establishment of sociability networks that involve both the political and the academic spheres- as well as the two main states of the federation.

Keywords: Werneck Vianna; communist intellectuals; intellectual trajectories; history of the Social Sciences; Brazilian political thought.

¹ Bacharel e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e bolsista CAPES. E-mail: marcelofontenelle@hotmail.com.

Introdução

Dado o reconhecimento de Luiz Werneck Vianna enquanto cientista social, alguns estudos já foram dedicados a estudar sua vida e obra. João Ehlert Maia destaca que Werneck Vianna “talvez seja um dos últimos representantes da grande linhagem dos intelectuais públicos brasileiros, com a vantagem de ter logrado fazer uma transição bem-sucedida para a vida especializada das Ciências Sociais característica das últimas décadas” (MAIA, 2012, p. 115). Marcelo Burgos o vê como “expoente” de “uma geração de cientistas sociais que de certo modo refundam as ciências sociais” (BURGOS, 2012, p. 331). Keinert menciona que “o caso de Luiz Werneck Vianna é emblemático da tomada de posição que reivindica a continuidade entre sua atuação como sociólogo e a politização dos anos 1960” (KEINERT, 2011, p. 163), apesar de diferenciar-se dos demais cientistas sociais por conta do seu maior distanciamento em relação ao “discurso do profissionalismo”. Seja como representante de uma linhagem anterior, que carrega o diferencial de ter se adaptado bem à vida especializada que passou a vigorar nas Ciências Sociais brasileiras, como um “expoente” de uma geração que permanece atuando ou pelo seu distanciamento ao profissionalismo reivindicado pelos demais, há um consenso em relação à existência de divergências e convergências entre a trajetória de Luiz Werneck Vianna e de seus contemporâneos, cuja análise pode trazer importantes elementos para compreendermos as especificidades do exercício intelectual no Brasil².

O presente artigo busca investigar as condições sociais que possibilitaram que Werneck Vianna fosse alçado a posições de destaque nas Ciências Sociais – investigando, por um lado, em que medida a sua trajetória pode ser considerada uma exceção em meio às elites do espaço acadêmico brasileiro das décadas de 1970 e 1980 e,

² Cabe destacar, desde já, que parte significativa das intervenções que destacam a excepcionalidade ou exemplaridade de Werneck Vianna o fazem sem especificar, objetivamente, em relação a quem. É o caso de Burgos (2012) e Maia (2012), citados no parágrafo anterior. A exceção se dá em relação ao trabalho de Keinert (2011), que busca objetivar as trajetórias daqueles que chegaram à condição de elite das ciências sociais entre 1968 e 1985. Ao final de sua tese, Keinert nos traz um quadro com o perfil social dos 17 agentes que compõem o citado grupo. Entre eles, estão, além do próprio Werneck Vianna: Moacir Palmeira, Lydia Sigaud, Otávio Velho, José Sérgio Leite Lopes, Wanderley Guilherme dos Santos, Bolívar Lamounier, Elisa Reis e Sérgio Miceli (ver KEINERT, 2011, p. 216-219).

paralelamente, as tensões próprias à constituição de uma agenda política e intelectual, tal qual proposta por Vianna.

Concentro a análise nas décadas de 1970 e 1980 por dois motivos conectados. Primeiramente, por entender que este foi um período de transição, em que as condições de possibilidade de exercício do ofício intelectual mudaram de forma significativa, visto que o fim da década de 1960 marca um ponto de inflexão a partir do qual o intelectual vinculado às Ciências Sociais passa, cada vez mais, a intervir a partir de um conhecimento especializado, de uma atuação profissionalizada e com base no lastro universitário, o que muda significativamente a relação entre os intelectuais e a política³. Em segundo lugar, por este ser o período de consolidação da trajetória intelectual do autor estudado – durante o qual ele defende sua tese de doutorado (1976), passa a atuar profissionalmente na universidade e a publicar com certa regularidade (seus quatro primeiros livros datam de 1976, 1983, 1986 e 1989), além de englobar a maior parte da existência da *Revista Presença* (1983-1992), cuja história está imbricada com a trajetória de Vianna.

Cabe destacar, desde já, que há elementos que aproximam e que distanciam Werneck Vianna em relação ao *modus operandi* dos intelectuais paulistas e cariocas – o mesmo acontece com os cientistas sociais que atuaram até a década de 1960, quando esta área era menos institucionalizada, e aqueles que atuaram posteriormente. Ademais, sua trajetória demonstra – assim como a de outros acadêmicos que efetuaram uma reconversão da política para a universidade – a constituição de uma série de tensões inerentes à convivência entre disposições que levam à busca de um exercício intelectual que é, a um só tempo, científico e político, e um contexto de intensas transformações, em que a política e a vida intelectual estão cada vez mais profissionalizadas e dotadas de especificidades⁴.

³ Como demonstra a análise do próprio Werneck Vianna (1997), entre outros estudos trabalhados no primeiro tópico deste artigo.

⁴ É o caso de outros intelectuais identificados com a “corrente renovadora” do PCB que também adentraram no espaço acadêmico (como Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder e Ivan de Otero Ribeiro). A tensão entre a vida política e intelectual, bem como as transformações que ocorreram entre

Para atingir tais objetivos, é necessário distanciar-se do “indivíduo empírico”, que é designado pelo nome próprio, para analisar o “indivíduo construído”, definido a partir de suas propriedades sociais e das sucessivas posições que ele ocupa em um espaço social em constante transformação (BOURDIEU, 2017, p. 45). A importância deste cuidado teórico-metodológico é realçada por se tratar de um indivíduo que já foi alvo de uma série de homenagens e distinções dentro das Ciências Sociais, o que dificulta análises mais distanciadas (ELIAS, 1998). Paralelamente, há um esforço de compreender o modo como o agente estudado via o mundo e as distintas possibilidades abertas – ou seja, realizar aquilo que Bourdieu chamou de “conversão do olhar” (BOURDIEU, 1997).

Além dos prêmios recebidos⁵, o reconhecimento de Werneck Vianna no espaço acadêmico pode ser visto, também, pela quantidade de entrevistas concedidas por ele a instituições acadêmicas e culturais. Tais entrevistas são fontes privilegiadas para análise das disputas pelos princípios de hierarquização de um determinado espaço, do modo legítimo de exercer um determinado ofício. Para isto, porém, deve-se levar em conta o potencial heurístico da fonte oral (POLLAK, 1989) e, em especial, as condições de produção destes documentos (MICELI, 2001) – que, no caso em pauta, são também homenagens e tomadas de posição no espaço analisado.

O presente trabalho é dividido em quatro partes, além desta introdução e das considerações finais. A primeira parte intitula-se “Caminhos das Ciências Sociais no Brasil”, e tem como objetivo apresentar uma síntese esquemática sobre as principais transformações no espaço intelectual brasileiro – com destaque para o período compreendido entre as décadas de 1950 e 1980. A segunda intitula-se “Configuração familiar, amparo institucional e rede de relações pessoais”, e visa analisar o peso destes três elementos para que Werneck Vianna viesse, posteriormente, a ocupar posições de elite em meio às Ciências Sociais. A terceira intitula-se “A afirmação no espaço acadêmico”, e tem como foco a caracterização da experiência do seu doutorado e do

esta relação no período, também são bastante visíveis nas trajetórias de Milton Lahuerta e Marco Aurélio Nogueira, conforme explicitado em entrevistas por eles concedidas (SILVA, 2021a; SILVA, 2021b).

⁵ Em seu currículo lattes ele menciona ter recebido 11 prêmios. Ver: <http://lattes.cnpq.br/1944208293448093> acessado em 21/09/2020

início da sua afirmação no espaço universitário. A quarta, por fim, intitula-se “Tensões da construção de uma agenda política e intelectual”, e busca explorar a relação entre a trajetória do agente e seu exercício político e intelectual.

1. Caminhos das Ciências Sociais no Brasil

Em se tratando dos intelectuais e cientistas sociais brasileiros, as análises existentes já demonstraram a prevalência de modos distintos de exercer o ofício intelectual nos dois principais estados da federação – Rio de Janeiro e São Paulo. Enquanto o primeiro seria marcado pela falta de autonomia e de lastro universitário, no segundo haveria um maior peso da instituição e maior rigor científico⁶. Com isto, os cariocas estariam abertos a produções de teor mais generalizante e mais distantes da especialização (MICELI, 2001, p. 23).

Em São Paulo, com o grupo encabeçado por Florestan Fernandes na Universidade de São Paulo (USP), o peso da universidade criou condições favoráveis para um ensino e pesquisa rotinizados, baseados em uma cultura universitária própria e marcados pela busca do rigor científico, o que contribuía para conferir autonomia frente às oscilações da política (ARRUDA, 1995). Em meio a tais condições, Florestan Fernandes desponta como uma trajetória exemplar, encarnando tanto a busca por rigor científico quanto o exercício da cientificidade. A ênfase na discussão teórica e metodológica, a linguagem utilizada, e o distanciamento do modelo ensaístico e literário, também são apontados como elementos da busca por rigor científico (ARRUDA, 1995).

O oposto ocorria no Rio de Janeiro, onde a produção de ensaios era muito mais valorizada. A condição de capital federal impunha uma maior proximidade à política, como se pode ver no caso do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que fora criado em 1955 como um órgão estatal vinculado ao ministério da Educação e Cultura e atingiu uma enorme projeção e reconhecimento nos meios políticos e intelectuais do período. Seus protagonistas se viam incumbidos da missão de guiar a nação nos rumos

⁶ A comparação entre as duas configurações regionais é a tônica de boa parte dos trabalhos reunidos nos dois livros organizados por Sérgio Miceli (MICELI, 1995; 2001).

de sua emancipação. Este reconhecimento, segundo Daniel Pécaut, “se deve ao fato de que, intervindo em nome do poder ou do povo, manifestava o sentimento de onipotência de uma intelectualidade que sentia vocação para conduzir a transição para um Brasil senhor de seus destinos” (PÉCAUT, 1990, p. 114).

Apesar das distintas fases, pode-se afirmar que o ISEB constituiu um núcleo de intelectuais destinado a refletir sobre a realidade nacional e, autorizado como instituição estatal, intervir na mesma. A aproximação do ISEB à esquerda acompanhou o movimento do governo João Goulart e o aumento da efervescência dos movimentos sociais no período, e não por acaso a instituição foi fechada pelos militares imediatamente após o golpe civil-militar de 1964.

Já no eixo diacrônico, tem-se a existência de algumas transformações que alteram o modo de exercer o ofício intelectual a partir de fins da década de 1960⁷. Há uma tendência de afastamento da perspectiva da “missão civilizatória” que os intelectuais carregavam na década de 1950. Há, também, uma maior valorização do modelo norte-americano de fazer ciência, o privilégio a métodos quantitativos e o maior peso da titulação no exterior. Os intelectuais continuam a intervir politicamente, mas o fazem a partir da reivindicação de um conhecimento especializado, da profissionalização e do vínculo às universidades - em especial, aos programas de pós-graduação⁸. É, enfim, um contexto de intensas transformações não só no espaço político (marcado pela redemocratização), mas também no espaço acadêmico – com este período podendo ser caracterizado como de transição para a “maioridade” das Ciências Sociais, vivida a partir dos anos 1970 (FORJAZ, 1989). Tais transformações, vale frisar, não ocorrem de forma abrupta nem excluem a existência de semelhanças entre os dois estados ou de continuidades no tempo, seja no que tange aos temas abordados (modernização, construção do Estado), seja na tendência à ocupação de posições concomitantemente

⁷ Um importante evento que marca tais transformações é a implementação da Reforma Universitária, em 1968 (KEINERT, 2011). Interessante frisar que estas transformações não foram exclusivas das ciências sociais, atingindo também outros domínios de exercício da intelectualidade, como o jornalismo, que a partir da década de 1950 passa a se guiar por padrões de excelência cada vez mais próximos ao modelo anglo-saxão, calcado na figura do repórter e reivindicando uma maior autonomização (SOUZA, 2010). Um outro ponto de inflexão pode ser situado entre as décadas de 1940 e 1950, segundo as análises de Pécaut (1990) e Werneck Vianna (1997).

⁸ Além dos trabalhos publicados na coletânea organizada por Miceli, Pécaut (1990), Vianna (1997) e Keinert (2011) também trabalham este viés processual.

nos espaços acadêmico e político (KEINERT, 2011) ou no intento de intervir na “vida pública” (CARVALHO, 2007).

Analisando o grupo geracional que foi alçado à condição de elite das Ciências Sociais após 1968, Keinert afirma:

“A análise das trajetórias do grupo em questão sinaliza a importância da atuação política em seu processo de afirmação, o que sugere o anseio de vincular seu conceito de profissionalismo à possibilidade de conquistar uma influência pública. Em relação à *intelligentsia* dos anos de 1950, a vocação intervencionista se modifica, segundo os procedimentos envolvidos nas novas maneiras de praticar a ciência social, preferindo-se uma modalidade de inserção mais pontual, típica da figura do especialista, em detrimento da abrangência do ideal presente na geração anterior, ligado às tarefas iluministas do sociólogo como guia da modernização” (KEINERT, 2011, p. 94).

Ainda segundo o autor, estes agentes podem ser divididos em três perfis com algumas características distintas. O primeiro, refere-se àqueles que realizaram doutorado nos Estados Unidos, que reivindicavam um caráter útil para a ciência social e mobilizavam novas técnicas – em especial as de caráter quantitativo. O segundo refere-se àqueles mais apartados da política e ligados à atividade editorial. Por fim, há aqueles ligados à “crítica social”, cuja trajetória de Vianna é exemplar:

“O caso de Luiz Werneck Vianna é emblemático da tomada de posição que reivindica a continuidade entre sua atuação como sociólogo e a politização dos anos 1960. Sua trajetória reitera perfis da intelectualidade progressista das décadas de 1950 e de 1960, casos de Florestan Fernandes e de Darcy Ribeiro, cujas estratégias de legitimação se ligam à ideia do dever ético com os dilemas do país, ao mesmo tempo em que se lançaram à interpretação do Brasil em suas características mais fundamentais (KEINERT, 2011, p. 163)”.

Enquanto muitos passaram a negar explicitamente o marxismo (como os cientistas políticos), estes cientistas sociais reivindicavam certa continuidade a esta tradição intelectual, embora recusando o “marxismo vulgar” e incorporando outros autores (KEINERT, 2011). Há uma compreensão da atividade intelectual politicamente engajada, em continuidade aos anos da militância no período da graduação. Desse grupo, formado por antropólogos e sociólogos, a internacionalização ligada à França era preponderante.

A militância no movimento estudantil é um traço comum a praticamente todo o grupo geracional analisado por Keinert (2011), mas a intensidade desta militância e a reivindicação de uma continuidade entre este “momento inaugural” e o desenrolar posterior acontece com intensidades distintas. O caso de Werneck Vianna é um exemplo em que esta reivindicação de continuidade ocorre de forma bastante acentuada. Da mesma forma, o contato com o marxismo também marcou a todos, mas o modo como eles passaram a se relacionar com o marxismo foi distinto.

Toda essa geração encara mudanças no viés organizacional e institucional das Ciências Sociais, mas há uma certa continuidade entre as questões enfrentadas (KEINERT, 2011). Impulsionados pelo desafio de compreender o que possibilitou a existência da ditadura militar que os assolava, esta geração dá um ponto final no velho dilema sobre a formação do estado e do capitalismo no Brasil (VIANNA, 1997).

Este esboço esquemático esconde complexidades próprias à realidade social e, também, uma série de divergências entre os diagnósticos sobre a história das Ciências Sociais no Brasil. Apesar disso, ele possui um papel heurístico: possibilita situar a trajetória de Werneck Vianna em relação a tipos ideais de existência intelectual separados geograficamente e temporalmente.

2. Configuração familiar, amparo institucional e rede de relações pessoais

Nascido em 1938, no Rio de Janeiro, Werneck Vianna descende de famílias de elite (tanto do lado paterno quanto materno), em que não só o pai, mas também avô e bisavô haviam se formado em Direito (VIANNA, 2006). Apesar disso existe, por parte de nosso autor, a percepção de viver um “desequilíbrio”, pois Werneck Vianna e sua família viveram uma experiência de perda de status econômico e social (ARAÚJO et al, 2010, p. 346). Isto, porém, não impediu que ele viesse a estudar nos colégios da elite carioca de então. Essa condição de integrante de família da elite em descenso é um traço que aproxima Werneck Vianna tanto dos dirigentes comunistas (RODRIGUES, 1978) quanto de outros intelectuais brasileiros (MICELI, 2001).

Em decorrência de sua configuração familiar, Werneck Vianna pôde usufruir de uma iniciação política e intelectual precoce, visto que seu pai fora próximo ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) durante um período e presenteava-o com vários livros, possibilitando seus primeiros contatos com o mundo das letras (CASTRO; OLIVEIRA, 2005, p. 179). Em entrevista, Vianna comenta que já se identificava com o PCB desde, mais ou menos, os 15 anos de idade (VIANNA, 2006; CASTRO; OLIVEIRA, 2005).

Socializado em meio a escolas de elite, seu primeiro matrimônio foi também com uma descendente dos altos estratos da sociedade carioca. Werneck Vianna se casou com Maria Lúcia, cujo pai era um militar de alta patente e com inserções políticas à esquerda⁹, de modo que ele próprio reconhece estar em um “lugar privilegiado”: “Meu sogro era o brigadeiro Francisco Teixeira, que fazia parte do núcleo do dispositivo militar do Jango. As reuniões com Brizola, por exemplo, eram na casa dele (...). A algumas delas, eu assisti; outras, eu apenas ouvi (...)” (CASTRO; OLIVEIRA, 2005, p. 181).

Dando sequência àquilo que era comum às famílias de elite, Werneck Vianna entra no curso de Direito da Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 1958, formando-se em 1962. À entrada no curso de Direito, segue-se a intensificação de sua militância. Este foi o período em que ele se filia ao PCB¹⁰. Também neste período ele participa do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), instituição que possibilitou que ele entrasse em contato com diversos intelectuais que adquiriram relevo nacional – alguns deles fundamentais no desenrolar posterior de sua trajetória, como Carlos Estevam Martins¹¹. Ainda durante a graduação, em 1960, Werneck Vianna passa um ano realizando um curso no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) (CASTRO; OLIVEIRA, 2005, p. 181).

⁹ Seu primeiro livro – *Liberalismo e sindicato no Brasil* –, publicado em 1976, foi dedicado a Maria Lúcia. Além da dedicatória, outro exemplo que assevera a importância de sua esposa em sua formação e atuação intelectual são as publicações da mesma, na Revista Presença – iniciativa que, como veremos, foi fundamental em sua trajetória.

¹⁰ Como é comum em documentos memorialísticos, Vianna não nos oferece uma data exata de sua filiação ao partido, mas nos traz indícios quando afirma ter se filiado ao PCB “já nos anos 60, quando eu tinha uns 20 e poucos anos” (CASTRO; OLIVEIRA, 2005, p. 180).

¹¹ Martins foi o primeiro diretor do CPC, sucedido por Cacá Diegues e Ferreira Gullar.

O CPC propunha uma arte engajada, marcada por um ideal romântico, pela valorização e idealização do “povo” (RIDENTI, 2014). Fora criado em 1962, no Rio de Janeiro, sob a proposta de “atingir as massas e fazer da cultura um instrumento revolucionário” (PÉCAUT, 1990, p. 153), enquanto o ISEB, conforme já mencionado, era um órgão estatal cujos intelectuais se viam imbuídos da missão de construir a nação e falar em nome do “povo”.

Na leitura que Vianna faz de sua vida, foi o CPC que possibilitou que ele se aproximasse dos “subalternos” – e não o PCB, o curso de Direito ou de Ciências Sociais. Em suas palavras: “a grande revelação que eu tive não foi nem na Faculdade de Direito nem no curso de ciências sociais, foi na UNE, com o grupo de artistas e jovens intelectuais que formavam o Centro Popular de Cultura” (CASTRO; OLIVEIRA, 2005, p. 182). Ou – conforme ele aponta em outra entrevista: “Eu só vou estabelecer relações vivas, de entusiasmo com o partido comunista a partir do CPC, quando então a gente estabelece a comunicação direta com a rua, com os setores subalternos” (VIANNA, 2013 p. 15). Fruto deste intenso trânsito com o mundo artístico, Werneck Vianna ficou responsável por escrever a introdução do livro *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque, publicado em 1978. O título do texto é ilustrativo das preocupações intelectuais de Vianna: *O americanismo: da pirataria à modernização autoritária (e o que se pode seguir)* (HERMETO, 2012).

Como se pôde perceber, a trajetória de Werneck Vianna é elucidativa da relação entre PCB, ISEB e CPC e do objetivo comum de contribuir para a emancipação do “povo”. Apesar da não articulação formal, tais instituições possuíam pontos de aproximação, com os integrantes do CPC recorrentemente buscando orientação política/intelectual nos integrantes do ISEB (ARAÚJO *et al.*, 2010, p. 348-349). Do mesmo modo, havia pontos de aproximação entre o CPC e o PCB (em especial, em relação ao Comitê Cultural do partido), mas não havia uma relação de subordinação e os integrantes de um não compunham, necessariamente, o outro (RIDENTI, 2014, p. 57). Formavam, em conjunto, aquilo que Daniel Pécaut caracterizou como “populismo intelectual” (PÉCAUT, 1990, p. 188).

Werneck Vianna trabalhava em escritório de advocacia desde o período em que cursava Direito – o que foi possibilitado pela intervenção de um amigo de seu pai

(VIANNA, 2013, p. 10). Assim, quando entra no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (em 1964), permanece advogando. A advocacia para presos políticos emerge, então, como uma forma de atrelar o ofício à militância.

Vianna alega ter entrado neste curso por “pressão da vida pública” (CASTRO; OLIVEIRA, 2005, p.182), como uma forma de dar continuidade aos estudos e à militância. Werneck Vianna possuía então 26 anos - bem mais velho que os demais ingressantes. Como o próprio comenta, boa parte dos seus companheiros de curso aderiram à luta armada – posição frontalmente contrária à defendida por ele e pelos demais militantes do PCB¹². Vianna experiencia, neste ponto, a primeira sensação de “deslocamento” em relação ao ambiente universitário. Em suas palavras: “fiz o vestibular no fim de 1963 e entrei em 1964 (...). Eu tinha de 25 para 26 anos, e os meus colegas tinham 18, 19. Eu era um senhor. Andava de terno, era casado. Era de uma outra geração. O golpe tinha separado as gerações” (CASTRO; OLIVEIRA, 2005, p. 180-181).

Werneck Vianna inicia o mestrado em Ciência Política no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) em 1969, ano em que o Instituto inicia suas atividades. Concomitante ao mestrado, Vianna ministra aulas na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro. A condição de estudante do IUPERJ faz Vianna se sentir novamente “deslocado”: segundo ele próprio alega, havia ali uma difícil relação entre ele e os professores, que eram “liberais doutrinários” (VIANNA, 2013, p. 19) – este mesmo termo ele utiliza para qualificar aquele que viria a ser seu orientador no mestrado, Simon Schwartzman.

Vianna retorna ao IUPERJ em 1980 enquanto professor vinculado ao programa de pós-graduação – ocasião em que também sente um “deslocamento”. Segundo o seu depoimento, um dos elementos que pesaram para a sua contratação foi o interesse do Instituto em demonstrar que era uma instituição diversificada (VIANNA, 2013, p. 30).

¹² Marcelo Ridenti nos apresenta um estudo sobre a composição social do militantes de esquerda que atuaram durante a ditadura militar em que destaca o maior peso dos estudantes universitários entre os adeptos da luta armada: “foi notável a presença de estudantes nos grupos de esquerda em geral (906; 24,5% do total de 3.698 processados, com ocupação conhecida, por ligação com grupos de esquerda), e particularmente naqueles que pegaram em armas (583; 30,7% dos 1.897 denunciados por vinculação com organizações guerrilheiras urbanas típicas)” (RIDENTI, 2010, p. 114).

Este deslocamento pode ser explicado, pelo menos em parte, por haver no IUPERJ – assim como no Museu Nacional e em outras instituições de pesquisa de então – uma recusa ao modo não-universitário de exercer a intelectualidade (KEINERT, 2011), o que implicava em um certo distanciamento em relação aos intelectuais comunistas.

O ano de 1969 é também caracterizado pela vigência do Ato Institucional Nº5, decretado em fins do ano anterior, que intensifica brutalmente a repressão perpetrada pelo regime ditatorial. Com isto, Werneck Vianna é impossibilitado de concluir o mestrado e se vê obrigado a se exilar no Chile. Antes do exílio, contudo, Vianna passa um período clandestino no Brasil, escondido na casa de diversas pessoas – em especial no estado de São Paulo. Permanece no Chile entre 1970 e 1971 (ARAÚJO *et all*, 2010, p. 353). Quando retorna ao Rio de Janeiro, acaba preso por seis meses. Após sair da prisão, Vianna viaja novamente para São Paulo, onde é acolhido por Carlos Estevam Martins. Martins participara do ISEB, do CPC e da formação do Centro Brasileiro de Análise de Planejamento (CEBRAP), em 1969¹³. Por meio dele, Vianna conhece e integra o CEBRAP, que dá a ele uma oportunidade de trabalho na Editora Abril (ARAÚJO *et all*, 2010, p. 354).

Todas essas vivências possibilitaram que ele estabelecesse redes de contato nos dois principais estados da federação e, além de tudo, que ele mesclasse uma formação e atuação em constante contato com dois modos distintos de exercício do ofício intelectual: Rio de Janeiro e São Paulo. Enquanto o primeiro esteve mais próximo do Estado e da política (como mostra a já citada experiência do ISEB), o segundo foi mais fortemente marcado pela construção de uma “comunidade científica” (VIANNA, 1997), calcada no espaço universitário.

Os depoimentos de Vianna expressam esta divergência, indicando uma maior autonomia dos intelectuais paulistas em relação ao Estado (ARAÚJO *et all*, 2010, p. 355). Expressam, ainda, uma identificação maior com o modo de exercício intelectual preponderante em São Paulo. Em tom cômico, diz Vianna:

“Em São Paulo se respirava, se pensava e se respirava. E o Rio respirava por canudinho e não pensava nada! [Risos] (...) Em São Paulo, se pensava, havia uma vida intelectual ativa e foi a primeira vez em São Paulo que eu estabeleci relações com as elites locais. Porque

¹³ Ver: <http://www.bresserpereira.org.br/documento/3608>

no Rio de Janeiro, esses mundos... Esse – ainda é assim! – Esses mundos não são devassáveis. São ilhas fechadas (...). Em São Paulo, isso tudo estava esparramado, estava aberto em comunicação” (VIANNA, 2013, p. 20).

O maior lastro universitário do marxismo em São Paulo remete à relevante experiência do Seminário Marx entre o final da década de 1950 e início de 1960 – do qual participava aquele que veio a ser o orientador de Vianna no doutorado, Francisco Weffort, além de José Arthur Giannotti, Fernando Henrique Cardoso, Roberto Schwarz, entre outros. Paralelamente ao maior vínculo à universidade, tais intelectuais buscavam uma apropriação da obra de Marx que fosse mais distante dos partidos políticos e que possibilitasse uma leitura criativa e original da realidade brasileira – distanciando-se, portanto, da apropriação operada pelo PCB¹⁴.

Além do trânsito entre as duas configurações intelectuais e seus respectivos modos de exercer a intelectualidade, Werneck Vianna se distingue pela sua circulação internacional bastante distinta daqueles que, como ele, vieram a ocupar posições na elite das Ciências Sociais. Vianna realiza sua pesquisa de doutorado com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no Brasil, contrariando a centralidade dada à titulação no exterior (nos Estados Unidos, em primeiro lugar, e na França, em segundo), que caracteriza a geração de cientistas sociais alçada às posições dominantes na época (KEINERT, 2011).

Nem por isso Vianna deixou de estabelecer contatos no exterior. Passou um pequeno período exilado no Chile, em que não investiu em cursos de pós-graduação, embora tenha tido uma rápida experiência de coleta de dados. Adiciona-se ainda que, em 1974, Vianna viaja para Moscou para fazer um curso sobre “O Capital” na Escola de Formação de Quadros da URSS¹⁵. Vianna menciona a participação de um conjunto de

¹⁴ Sobre o Seminário Marx pode-se ver: Marcelino (2017), Lahuerta (2001)

¹⁵ Anita Prestes menciona que as seguintes pessoas participaram do curso: “No final de 1974 chegaram ao nosso instituto para participar de um curso de três meses sobre *O capital*, oferecido por Anastácio Mansilla, uns quinze membros da Assessoria do Comitê Central do PCB criada no Brasil sob a direção de José Salles, membro suplente do CC. Faziam parte do grupo Marly Vianna, esposa de Salles, Carlos Nelson Coutinho e a esposa Amélia, Luiz Werneck Vianna e a esposa Maria Lúcia, José Braz de

intelectuais comunistas paulistas e cariocas que se reuniam no Rio de Janeiro e em São Paulo para estudar a obra de Karl Marx (VIANNA, 2013, p. 36). Longe do que era cada vez mais valorizado no espaço universitário brasileiro – com a tendência de valorização de pesquisas empíricas e do modelo norte-americano de fazer ciência social –, a realização deste curso por este conjunto de militantes era parte das disputas políticas internas ao PCB¹⁶ e, ao mesmo tempo, pelos rumos do debate intelectual.

Registra-se ainda que mesmo o seu pós-doutorado, realizado fora do Brasil, não foi em um centro universitário que ocupava uma posição central no espaço acadêmico transnacional – tendo sido realizado, em 1984, na Università degli Studi di Milano, na Itália, país do marxista que se constituiu como sua principal referência intelectual: Antonio Gramsci. Desta forma, a circulação internacional de Vianna nos leva a pensar sobre os conflitos, tensões e complementariedades inerentes à vivência entre dois universos que não são plenamente coincidentes: o do marxismo e o da disciplina universitária a qual ele estava vinculado¹⁷. Um outro elemento que distancia Werneck Vianna da elite das Ciências Sociais se refere ao fato dele não ter ocupado cargos em instituições de fomento à pesquisa, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)¹⁸.

3. A afirmação no espaço acadêmico

O primeiro livro de Werneck Vianna foi publicado em 1976, como produto de sua tese de doutorado, intitulado *Liberalismo e Sindicato no Brasil*. Antes disso, em 1974, Vianna publicara um artigo intitulado *Sistema Liberal e Direito do Trabalho*, na revista Estudos CEBRAP. É certo, contudo, que sua participação em periódicos data de muito antes – em especial, periódicos vinculados ao PCB, como o *Voz Operária*. Esses escritos não constam, porém, em seu Currículo Lattes, plataforma destinada a registrar aquilo

Araújo, Ana Malin, além de outros militantes da área da intelectualidade do Partido” (PRESTES, 2019, posição 3967).

¹⁶ A importância destes cursos para as disputas políticas internas e hierarquização dos comunistas brasileiros já foi destacada em estudos anteriores (ALMEIDA, 1989; PANDOLFI, 1995; GROppo, 2012).

¹⁷ Sobre estas tensões, conferir a análise de Rodrigues (2019).

¹⁸ Ver: <http://lattes.cnpq.br/1944208293448093> acessado em 21/09/2020

considerado como importante no espaço acadêmico. Esta ausência não é fortuita: é parte dos seus esforços de gestão da identidade e indica, sobretudo, que atualmente Vianna considera estas duas obras como suas primeiras produções de relevo no espaço acadêmico. As condições de produção destas duas obras, porém, estiveram desde o início submetidas às injunções da conjuntura política.

É significativo que Vianna não tenha publicado na *Revista Civilização Brasileira*¹⁹, ao contrário de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder, intelectuais comunistas que, além da idade próxima, foram identificados como sendo da mesma vertente que Vianna nas disputas que ocorreram no interior do PCB em fins da década de 1970 e início da década seguinte (a chamada “corrente renovadora”). A precocidade da inserção destes dois intelectuais, no entanto, contrasta com o maior distanciamento dos mesmos em relação à universidade, diferenciando-os da trajetória de Vianna²⁰.

A entrada de Vianna no doutorado em sociologia acontece no ano de 1973, conforme dito, sob orientação de Francisco Weffort. Só foi possibilitada por conta do vínculo de Vianna a intelectuais ligados ao CEBRAP. Não é casual, portanto, que o próprio Vianna registre, em mais de uma ocasião, sua “gratidão” e “lealdade” a Weffort. Este vínculo é explicativo, também, da saída de Vianna do CEBRAP e ida para o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC), criado por Weffort em 1976.

É na qualidade de doutorando em sociologia pela USP e membro do CEBRAP que ele participa da construção do programa do partido de oposição ao regime militar (o Movimento Democrático Brasileiro) para as eleições de 1974. Além dele, participaram Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, Paul Singer e Francisco de Oliveira²¹. A iniciativa partira de Ulisses Guimarães, presidente do partido e então candidato à

¹⁹ A *Revista Civilização Brasileira*, vinculada ao também comunista Ênio Silveira, circulou entre março de 1965 e julho de 1968, abarcando um conjunto de intelectuais que faziam oposição ao regime militar recém instaurado (CZAJKA, 2010).

²⁰ Tanto Coutinho quanto Konder passaram a lecionar no ensino superior apenas na década de 1980, quando retornaram do exílio e adquiriram títulos de doutor ou equivalentes. A relação entre as trajetórias de Werneck Vianna e dos principais intelectuais “eurocomunistas” brasileiros guarda um conjunto de semelhanças e diferenças importantes para a compreensão do modo como Vianna transitava entre estes dois universos. A análise pormenorizada desta relação será objeto de uma outra publicação.

²¹ Lista retirada de Napolitano (2014, p. 56). Em entrevista ao CPDOC, Vianna adiciona a participação de Maria Hermínia Tavares de Almeida (VIANNA, 2013).

presidência²²(VIANNA, 2013, p. 24). Também no CEBRAP Vianna passa a integrar o grupo de pesquisa liderado por Weffort, do qual participaram vários outros intelectuais de relevo, cujos debates seriam fundamentais para o desenrolar de sua tese de doutorado²³.

O mencionado curso que Vianna realizou em Moscou, em 1974, com outros militantes comunistas, não se restringiu a um movimento político interno ao PCB, tendo tido consequências em sua formação intelectual e para o desenrolar de sua tese. Segundo o próprio Vianna, foi durante este curso que ele foi orientado a ler os textos de Lênin em que o dirigente comunista tratava da questão agrária. Posteriormente, incorporou outros dois autores importantes para a construção do seu argumento: Barrington Moore e Antônio Gramsci (CASTRO; OLIVEIRA, 2005, 184).

Durante o doutorado, como o próprio afirma: “fiz o curso e fui ser professor em uma porção de lugares: na Faculdade de Arquitetura de São José dos Campos, na Escola de Sociologia e Política. Mas me estabilizei mesmo na UNICAMP, onde fiz um concurso” (CASTRO; OLIVEIRA, 2005, p. 183). Após o doutorado, Vianna vincula-se ainda à Universidade Federal Fluminense e à Universidade de Minas Gerais, chegando a trabalhar concomitantemente no IUPERJ e na UNICAMP (1980-1983)²⁴.

Ainda em relação ao doutorado, além de seminários ministrados por Weffort, Vianna registra as “acesas polêmicas” e a existência de divergências mantidas com Maria Hermínia de Almeida e com Fábio Munhoz (VIANNA, 1976, p. 4). Divergências, aliás, que afirma ter mantido mesmo com o orientador, mas que extrapolavam para o conjunto das leituras majoritariamente vigentes entre os intelectuais uspianos. Diz Vianna:

“Entrei em confronto com eles [intelectuais paulistas], inclusive com meu orientador, o Weffort, que, mais uma vez, foi de enorme generosidade comigo (...). Eu contestava os textos do Weffort dentro do grupo. Ele, num registro sempre muito democrático, generoso... Isso tudo trabalhou para mim como uma muleta: eu não precisava inventar o meu argumento. O meu argumento vinha deles, bastava inverter (ARAÚJO *et al.*, 2010, p. 356)”.

²² Na ocasião, lançou-se como “anticandidato”. O objetivo era denunciar o caráter farsesco da eleição. Apesar da vitória do candidato da situação, o MDB obteve expressiva vitória em relação aos candidatos a deputado e senador.

²³ Vianna menciona a participação de Maria Hermínia Tavares de Almeida, Régis de Andrade e Fábio Munhoz (ARAÚJO *et al.*, 2010, p. 355).

²⁴ Informação disponível no Currículo Lattes e reiterada na entrevista concedida ao CPDOC (VIANNA, 2013).

Vianna comenta ainda que a banca de defesa foi montada por Weffort de modo a “defender a universidade de qualquer complicação” (CASTRO; OLIVEIRA, 2005, p. 183), mas que o desafiava a partir de um argumento muito liberal. A percepção de “deslocamento”, já observada em relação às suas lembranças sobre a graduação e sobre a experiência no IUPERJ, parece ter em sua experiência durante o doutorado em sociologia na USP mais um registro.

Apesar desta percepção de relativo “deslocamento”, Vianna também afirma que o desafio proposto na sua tese – de entender a “modernização autoritária” – também foi enfrentado por vários outros contemporâneos seus, como Elisa Reis e Simon Schwartzman (CASTRO; OLIVEIRA, 2005, p. 183). O suporte da sociologia histórica, bem como o recurso às obras de Lênin, Marx, Weber e Barrington Morre, também estiveram presentes neste conjunto mais amplo de intelectuais que buscavam compreender a modernização brasileira e o seu caráter autoritário (VIANNA, 1997; PERLATTO, 2014). Tais estudos davam continuidade ao “estilo historiográfico” e de “interpretações do Brasil” advindo de gerações anteriores e, a partir do destaque do peso do Estado e da necessidade de contraposição a ele, buscavam impulsionar a “sociedade civil” (KEINERT, 2011). Como forma de demonstrar as continuidades entre os dois períodos autoritários, estes trabalhos se voltavam com especial cuidado para a década de 1930 (PERLATTO, 2014). O trabalho que resultou do doutorado de Werneck Vianna, portanto, “pode ser interpretado como *exemplar* de preocupações que perpassavam a agenda sociológica dos anos 1970” (PERLATTO, 2014, p. 472, grifo meu).

A partir de uma perspectiva de longo prazo – que vai da análise das leis trabalhistas de fins do século XIX à década de 1960 – sua tese busca compreender a formação do Estado e do capitalismo no Brasil. Vianna argumenta que o capitalismo brasileiro se constituiu de forma não hegemônica, gerando uma série de dificuldades para a implementação de uma organização social calcada nas instituições de um regime liberal e criando as condições para a formação de um Estado que conjuga modernização e autoritarismo. Com isto, combatia a ideia de que o Brasil seria um país feudal e, ao mesmo tempo, combatia aqueles que viam a necessidade de ruptura revolucionária

para a implementação de uma ordem burguesa e competitiva (CARVALHO, 2012, p. 22). Diferenciava-se, também, de outros trabalhos – muito debatidos durante o período – que centravam seus esforços em compreender o desenvolvimento brasileiro à luz das suas relações de dependência e subordinação²⁵, uma vez que seu foco estava “em olhar internamente para o país, de modo a inquirir de que maneira foram conformadas historicamente as relações entre as elites tradicionais e modernas” (PERLATTO, 2014, p. 470). Da mesma forma, afastava-se da consagrada análise de Roberto Schwarz sobre o liberalismo no Brasil. Nas palavras de Fernando Perlatto:

“Ao contrário da percepção consagrada na obra de Roberto Schwarz, *Ao Vencedor as Batatas*, na qual o liberalismo é percebido como “uma ideia fora do lugar” (...), Werneck segue a perspectiva já apontada por Florestan Fernandes em *A Revolução Burguesa no Brasil*, demonstrando que o liberalismo que vicejou entre nós não foi posticho” (PERLATTO, 2014, p. 471).

Em 1974, um ano após o ingresso de Vianna no doutorado, o MDB tem uma importante vitória eleitoral, que foi lida pelos comunistas como a confirmação de que a tática defendida por eles estava correta: a política de combate à ditadura militar por meio do voto estava mostrando seus bons resultados. Durante toda a ditadura militar, além da defesa das instituições democráticas formais, os comunistas defendiam a formação de amplas alianças, com destaque para a aliança com os liberais. Esta defesa das instituições democráticas formais e da aliança com os liberais aparece igualmente no trabalho de Werneck Vianna (ARAÚJO *et al.*, 2010, p. 360).

Este era também um período em que o “eurocomunismo” estava em voga, com sua maior aproximação à democracia liberal, crítica ao modelo soviético e contrária ao viés insurrecional, influenciando diretamente o setor que Vianna mais se identificava dentro das disputas internas ao PCB (que ficou conhecido como “corrente renovadora”). Não é à toa, portanto, que o tema do liberalismo apareça também em obras de outros intelectuais comunistas, como o polêmico ensaio de Carlos Nelson Coutinho intitulado *A Democracia como Valor Universal* (COUTINHO, 1979)²⁶. Existe em Coutinho e em

²⁵ Esta vertente do pensamento sociológico esteve presente nos intelectuais ligados à Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL); no Brasil, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e o próprio PCB são importantes representantes (PERLATTO, 2014).

²⁶ Uma análise do significado político e circulação desta obra pode ser vista em Silva (2019).

Werneck Vianna – apesar dos modos distintos – um convite para a aliança com os liberais.

4. Tensões da construção de uma agenda política e intelectual

Em meados da década de 1970, inicia-se uma disputa interna ao PCB envolvendo três vertentes, que ficaram posteriormente conhecidas como “centro pragmático”²⁷, “corrente renovadora” e “corrente prestistas”. Disputa esta que só teve fim com a saída de Prestes (COSTA, 2013) e com a “marginalização” dos “renovadores” nas mediações do VII Congresso do PCB, entre 1982-1983 (RAMOS, 2013, p. 30-31). Vianna se ligou à vertente dos “renovadores”, que era composta, majoritariamente, por militantes mais jovens e mais intelectualizados que as outras duas vertentes. As principais referências do grupo – como Armênio Guedes, Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder – estiveram no exílio europeu na segunda metade da década de 1970, em intenso contato com os debates do “eurocomunismo” e acompanhando de perto a experiência dos partidos comunistas italiano e francês (PANDOLFI, 1995). Caracterizavam-se, como já detalhado, pela crítica ao modelo soviético, pela defesa da democracia como um valor universal, pela contraposição ao viés insurrecional, entre outros elementos. Alguns deles se profissionalizaram enquanto professores universitários, mas Vianna foi o que alcançou posições de maior destaque em meio ao espaço das Ciências Sociais.

A identidade política e intelectual de Vianna está diretamente relacionada à sua participação neste “grupo”:

“A história da minha geração no partido comunista é uma história de luta, procurando alternativas, novidades de crítica (...). Nós tínhamos um grupo com uma identidade muito próxima no partido comunista, nós nos encontrávamos quase que como uma facção e acabamos adotando uma identidade particular nisso, especialmente na época do exílio, em torno do que hoje se convencionou chamar o grupo da democracia como caminho universal, para o socialismo. Isso passou pela Itália, passou pela França, passou por nós, aqui, passou pela fundação da Voz da Unidade (...). Talvez a herança maior que essa

²⁷ A denominação utilizada denota uma tomada de posição e, portanto, tende a variar. Não é casual, portanto, que Anita Prestes (2019) utilize o termo “pântano” para designar esta vertente.

herança deixou, que foi o pensamento gramsciano no Brasil” (VIANNA, 2013 p. 31).

O segundo livro publicado por Werneck Vianna data de 1983 e é parte destas disputas mencionadas. Intitulado *A Classe Operária e a Abertura*, foi lançado pela Editora Cerifa. O livro é majoritariamente composto por análises de conjuntura, a maior parte anteriormente publicada no jornal *Voz da Unidade*, vinculado ao partido²⁸. Há, também, entrevistas e um artigo que fora anteriormente publicado na *Dados – Revista de Ciências Sociais*. Os textos do livro visavam um público formado pelos setores da esquerda e, em especial, pelos comunistas, visto que o objetivo explícito era justamente o de “intervir, numa hora determinada, na discussão travada pelos comunistas no já espantosamente distante primeiro semestre de 1982” (VIANNA, 1983, p. 10).

Tal intervenção focava-se na defesa da aliança entre operários e liberais e na defesa e valorização da democracia política, opondo-se àqueles que davam proeminência à questão nacional. Partia de uma releitura da história do PCB, assumindo-se como parte de uma “tendência” que reivindicava sua origem na “Declaração de Março”, lançada pelo PCB em 1958 – ou seja, logo após a realização do XX Congresso do PCUS, de 1956, em que ocorreu as denúncias dos chamados “crimes de Stálin”, e que tem um outro ponto alto na resolução do Comitê Estadual do Rio de Janeiro, lançada em 1970²⁹.

Há ainda dois elementos que podemos destacar para a caracterização do livro. Primeiramente, o fato de Vianna ser apresentado como doutor em ciência política pela USP³⁰, com destaque para as perseguições que sofreu durante a ditadura militar e para a condição de “especialista no estudo do movimento operário e sindical brasileiro”. Em segundo lugar, cabe destacar que o livro é dedicado a quatro pessoas: Aloísio Teixeira, David Capistrano, Milton Freitas e Nemésio Salles – todos declaradamente comunistas.

²⁸ Dos 27 textos publicados no livro, 14 foram publicados no *Voz da Unidade*, todos entre 1980 e 1981.

²⁹ Esta releitura da história do PCB, em que se destaca a defesa da democracia e crítica ao “stalinismo”, está presente também nas obras de outros militantes que integraram a chamada “corrente renovadora”. Dois exemplos claros podem ser vistos na leitura que Leandro Konder faz sobre a relação entre os comunistas e a democracia no Brasil (KONDER, 1980) e nos depoimentos de Armênio Guedes (MALIN, 2018).

³⁰ Informação que contrasta com a disponível em seu currículo Lattes, que afirma que seu doutorado foi feito em sociologia.

Como parte das ações do conjunto de intelectuais “renovadores”, é fundada a *Presença – Revista de Política e Cultura*, com o primeiro número sendo lançado em novembro de 1983 e o último em junho de 1992. Conforme a apresentação da revista (assinada por Armênio Guedes), ela buscava combater o autoritarismo, cultuando o “pluralismo” e a “diversidade”, sem vínculo orgânico com partidos políticos, mas almejando um “futuro democrático e socialista” (GUEDES, 1983, p. 8). Além de integrar o corpo editorial, Werneck Vianna foi o principal “dínamo”³¹ do grupo e o autor que mais publicou na revista – com um total de 17 textos publicados, seguido por Leandro Konder, com 13 textos³².

A revista reunia pessoas de vertentes políticas distintas, com destaque para comunistas e liberais (BURGOS, 2012). Pode ser considerada ainda um veículo de encontro entre intelectuais engajados e acadêmicos (BURGOS, 2012). Possuía uma linguagem fortemente marcada pelo marxismo comunista, buscava dar amparo a análises alternativas às do “marxismo acadêmico” da época e se opunha, em geral, aos intelectuais que orbitavam ou integravam o Partido dos Trabalhadores, como o orientador de Werneck Vianna, Francisco Weffort (LUCCA-SILVEIRA, 2012, p. 121). Cabe destacar, também, a forte presença de Gramsci nos textos da revista – o número 17, por exemplo, é inteiramente dedicado ao marxista italiano.

A *Revista Presença*, portanto, afirma-se como uma tomada de posição no meio intelectual: construída em um momento de transição para uma configuração de maior autonomia do espaço acadêmico, em que há uma maior especialização das áreas e mudanças no modo de relacionamento entre os intelectuais e a política, *Presença* buscava justamente possibilitar o encontro entre intelectuais engajados e acadêmicos. Isto produziu o que Burgos chamou de “protagonismo dos intelectuais”, em que a identidade profissional de cientista social era bem menos importante do que as

³¹ Caracterização feita por Milton Lahuerta, em entrevista: “o grande dínamo político da revista é o Werneck, fazendo a articulação entre São Paulo e Rio de Janeiro, e outras partes do país, militando incansavelmente na promoção da publicação. Entre todos nós, o Werneck é quem vai conceber de modo mais político, mais maquiavélico, a importância e o sentido de uma revista como aquela” (SILVA, 2021a, p. 383).

³² Levantamento realizado por Lucca-Silveira (2012).

inscrições políticas prévias (BURGOS, 2012). Tais considerações nos permitem aventar, pelo menos como hipótese, que *Presença* estava na contramão de uma tendência no espaço intelectual de então: a valorização da identidade profissional, do caráter técnico das Ciências Sociais e do seu vínculo com o ambiente universitário (PÉCAUT, 1990; VIANNA, 1996; KEINERT, 2011).

Em 1986, Vianna publica outro livro, intitulado *Travessia – da abertura à constituinte* (VIANNA, 1986). O livro é apresentado como uma continuidade do anterior, posto que trabalha os mesmos problemas, embora em uma conjuntura menos incerta, em que a Constituinte já era uma realidade visível. Percebe-se, porém, algumas mudanças. A maior parte dos textos são mais longos e foram anteriormente publicados na *Revista Presença*, como capítulo de livro, em encontro científico-acadêmico³³ ou em revista científica³⁴. Textos mais curtos, de análise de conjuntura e intervenção política direta, ainda permanecem, mas agora ocupam um espaço menor – sendo predominantes apenas na quarta parte do livro, intitulada *Análise de conjuntura sobre a transição à democracia*³⁵.

O livro é publicado pela Editora Tauros e é dedicado “aos companheiros da *Revista Presença*” e “aos companheiros do IUPERJ”. A orelha foi escrita por Wanderley Guilherme dos Santos, importante cientista político do IUPERJ, que caracteriza o autor por sua clareza, coerência e por ser “solidário da liberdade e da democracia”. Percebe-se, tanto pelo caráter dos textos quanto pela dedicatória e pelo nome que assina a orelha, uma maior proximidade da universidade, dando amparo à sua intervenção a um só tempo política e científica.

Neste mesmo ano (1986), Werneck Vianna disputa a eleição para o cargo de deputado federal constituinte pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Conforme argumenta na apresentação do seu livro, a Constituinte era “a oportunidade histórica em que estamos sendo testados na nossa capacidade de ajustar

³³ VI Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), de 1982.

³⁴ Revista Dados, do IUPERJ; Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais (BIB).

³⁵ Dos 18 textos presentes no livro, 9 foram publicados em *Presença*, todos entre 1984 e 1986; a seção explicitamente destinada a análises conjuntura contém 10 textos, mas perfazem, juntos, apenas 82 das 293 páginas.

as instituições políticas à modernidade do capitalismo brasileiro, cancelando sua marca autoritária” (VIANNA, 1986, p. 10). Sua candidatura era, ademais, uma iniciativa coletiva, envolvendo os intelectuais reunidos ao redor de *Presença* (BURGOS, 2012).

Ao ser perguntado sobre a relação entre a sua candidatura e a *Revista Presença*, Vianna responde:

“Minha candidatura foi uma tentativa de *fazer com que essa identidade tivesse projeção no mundo da política*. Parecia que ia ser fácil *encontrar esse caminho de afirmação pública dos intelectuais da renovação da esquerda*. Os primeiros atos da minha candidatura reuniram centenas de pessoas. Mas logo em seguida houve uma animação entre os intelectuais para se tornarem candidatos também. (...) Fez-se uma campanha, mas disso não ficou fruto (...). Acho que esse foi um dos últimos momentos em que essa combinação entre política, universidade e ciência social andaram tão juntas. A partir daí veio uma diferenciação e eu também fui me encaminhando mais e mais para as Ciências Sociais” (CARVALHO, 2008, p. 8, grifos meus).

A candidatura de Vianna indica que a profissionalização política no legislativo era uma possibilidade cogitada por ele. O mesmo aconteceu com outros cientistas sociais: Bolívar Lamounier, Francisco Weffort e Theotônio dos Santos também disputaram uma vaga neste mesmo pleito. Nenhum destes, porém, conseguiu ter acesso aos cargos pleiteados³⁶. Ao que tudo indica, tais cientistas sociais continuavam vendo a si próprios como incumbidos do dever de intervir na política (PÉCAUT, 1990), mas a reconfiguração dos espaços político e intelectual privilegiava os profissionais da política ou da universidade.

Esta “identidade” reivindicada por ele com a sua candidatura está relacionada a uma determinada percepção de ciência social engajada que o acompanhou durante as décadas posteriores. Em mais de uma entrevista recente, Vianna critica um traço que ele vê como característico da postura dos setores dominantes da universidade: o isolamento em relação ao mundo exterior. Diz Vianna: “temos um academicismo meio tonto que quer separar a reflexão do seu laboratório (...). Tenho muito orgulho de fazer

³⁶ Estudando o grupo geracional alçado à elite das ciências sociais após a década de 1960, Keinert (2011) aponta que a ascensão a postos mais altos na burocracia estatal foi um fenômeno raro. O fracasso eleitoral dos intelectuais, porém, não é uma regra – como prova a eleição de Florestan Fernandes em 1986, pelo Partido dos Trabalhadores, para o cargo de Deputado Federal por São Paulo.

parte da tradição que mistura essas duas coisas, mesmo contra uma cultura universitária que é muito crítica em relação a isso, especialmente nos seus setores dominantes” (CASTRO; OLIVEIRA, 2005, p. 188).

Destaca-se, assim, que o envolvimento do cientista social com o seu “laboratório” é um traço que Vianna percebe como distinguindo-o positivamente dos setores dominantes da universidade, negando explicitamente sua identificação enquanto um “intelectual acadêmico” (VIANNA, 2006, p. 135), embora reivindicando o caráter científico do seu ofício. Não é casual, também, que ele cite Max Weber como um exemplo de cientista social que não desvincula política e ciência (VIANNA, 2013, p. 41).

Um último elemento que podemos destacar sobre a sua relação com as Ciências Sociais se refere à não identificação plena com a ciência política ou com a sociologia, justamente em um contexto em que a diferenciação entre estas duas áreas ganhava contornos cada vez mais claros – inclusive nas páginas da *Revista Dados* e no IUPERJ (LYNCH, 2017). Isto pode ser visto tanto em seus depoimentos retrospectivos quanto no modo como ele era apresentado nos textos que publicava³⁷. O quadro a seguir nos apresenta algumas edições da *Revista Presença*, possibilitando a apreensão da mudança no modo como ele via a si próprio e era visto pelos demais:

Quadro 1 - Apresentação na *Revista Presença*

Nº3 – Maio de 1984	Cientista Político e professor do IUPERJ
Nº4 – Agosto/outubro de 1984	Cientista Político e professor do IUPERJ
Nº5 – Janeiro de 1985	Cientista Político e professor do IUPERJ
Nº6 – Outubro de 1985	Cientista Político e professor do IUPERJ

³⁷ Pode-se adicionar, ainda, o fato de Vianna ter orientado trabalhos nas duas disciplinas. No que tange às teses de doutorado no IUPERJ, Vianna orientou 4 teses na ciência política e 8 na sociologia (BOTELHO, 2012, p. 382).

Nº10 – Julho de 1987	Cientista Político, professor do IUPERJ e do CPDA da UFRRJ
<i>Nº12 – Julho de 1988</i>	<i>Professor do IUPERJ e do CPDA da UFRJ</i>
Nº13 – Maio de 1989	Professor do IUPERJ e do CPDA da UFRJ
Nº14 – Novembro de 1989	Professor do IUPERJ e do CPDA da UFRJ
<i>Nº15 – Abril 1990</i>	<i>Professor-pesquisador do IUPERJ e professor do CPDA da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro</i>
Nº16 – Abril 1991	Professor e pesquisador do IUPERJ e professor do CPDA da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Nº17 – Novembro de 1991	Professor do IUPERJ e do CPDA da UFRRJ

Fonte: produzido pelo autor

Como já destacado, a especialização era um elemento cada vez mais valorizado entre os acadêmicos das Ciências Sociais. No entanto, o fato de este ser um período de transição possibilitava a existência de cientistas sociais oscilando entre as duas áreas, não sendo esta característica exclusiva da trajetória de Vianna³⁸. Além do mais, a indefinição disciplinar é bastante presente entre os intelectuais que se reivindicam marxistas (RODRIGUES, 2019). As entrevistas de Vianna, posteriores a esse momento, demonstram uma maior identificação com a sociologia, o que é confirmado pelo título do livro-homenagem que foi publicado em 2012 - *Uma sociologia indignada: diálogos com Luiz Werneck Vianna*.

³⁸ Um exemplo de cientista social que transita entre as duas áreas é Elisa Reis (REIS, 2008).

O quadro anterior também nos permite visualizar que a identidade de “cientista político e professor” foi sendo deixada de lado em prol da caracterização enquanto “professor e pesquisador”. Esta mudança acompanha o processo de maior valorização da pesquisa em detrimento do ensino, mas, acima de tudo, demonstra a capacidade de Vianna de atuar nas duas frentes. Compreende-se, assim, que o próprio Werneck Vianna entenda a sua prática docente como um momento de criação/produção: “eu nunca fui professor. Pode-se até encontrar testemunhos de pessoas que digam que eu fui professor, mas eu nunca me senti assim. Minhas aulas são o quê? Momentos de criação, não é isso?” (CARVALHO, 2008, p. 9).

Considerações finais

Buscou-se situar o agente analisado em relação ao modo predominante de exercício intelectual no Rio de Janeiro e em São Paulo no período de institucionalização das Ciências Sociais brasileiras, demonstrando como o trânsito entre os dois estados foi fundamental no desenrolar de sua trajetória – por um lado, por conta do estabelecimento de redes de relações sociais e, por outro, por conta do contato e aprendizado de distintos modos de exercer seu ofício. Paralelamente, objetivou-se situar o agente analisado em relação ao modo de exercício intelectual predominante em momentos de maior ou menor institucionalização das Ciências Sociais, demonstrando rupturas e continuidades visíveis na trajetória de Vianna.

Percebeu-se, com isto, como características muitas vezes vistas como antagônicas puderam conviver em uma mesma pessoa, que pôde passar tanto por escritos de teor mais ensaístico e pela busca por desvendar a “realidade nacional” quanto por pesquisas mais especializadas, em vista de uma afirmação científica. Mas, acima de tudo, a análise da trajetória de Vianna nos permite apreender uma série de tensões próprias àqueles que buscavam não desvincular a ciência do seu laboratório (para retomar uma expressão do próprio Vianna) em um contexto em que esta relação estava em intensa transformação. Ou seja, em que a intervenção política dos intelectuais passou a ser feita mais distante dos partidos políticos e mais próxima à universidade, mais distante das interpretações gerais do mundo e mais próxima a

análises típicas dos especialistas, guiadas pelos critérios norte-americanos de cientificidade.

Além do intenso trânsito entre os dois estados citados, Vianna também teve uma circulação internacional atípica, privilegiando viagens ligadas à sua formação política em detrimento da obtenção de títulos no exterior, como era comum entre as elites intelectuais do período - em especial, as cariocas. Além do mais, os seus próprios depoimentos demonstram, em diversas ocasiões, um sentimento de “deslocamento”: na graduação em Ciências Sociais, por conta da diferença geracional; durante o mestrado incompleto no IUPERJ, por conta de diferenças ideológicas com os professores; durante a experiência em São Paulo, por conta do outro modelo de viver o ofício intelectual e de interpretar o mundo; quando retorna ao IUPERJ como professor, pelos mesmos motivos antes experimentados.

Deste modo, a presente análise tangencia três aspectos de inegável interesse para os estudos sobre os intelectuais e a política, possibilitando o aprofundamento, em pesquisas posteriores, de cada um. Destaca-se, primeiramente, a análise das redes de relações pessoais que uniam intelectuais paulistas e cariocas e do trânsito de intelectuais entre os dois estados, o que deve contribuir para matizar as alegadas divergências existentes entre o modo de exercer a intelectualidade e as Ciências Sociais. Em segundo lugar, espera-se incentivar pesquisas que comparem a trajetória de Werneck Vianna com outros políticos-intelectuais com os quais ele era identificado (em especial, da “corrente renovadora” do PCB), o que possibilita apreender as transformações na relação entre os marxistas, a política e o espaço acadêmico. Destaca-se, por fim, a análise do modo como determinados intelectuais relacionaram, na década de 1980, marxismo, liberalismo e democracia, o que está diretamente vinculado ao modo como certos atores liam a realidade e orientavam suas ações políticas.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. As bibliotecas marxistas e as escolas de partido. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. ISER, p. 35-46, 1989.

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares. Dilemas da institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro. In: MICELI, Sérgio. **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, v. 1, 2001.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a 'escola paulista'. In: MICELI, Sérgio. **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, v. 2, 1995.

BARBOZA FILHO, Rubem.; PERLATTO, Fernando. **Uma sociologia indignada: diálogos com Luiz Werneck Vianna**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

BOTELHO, André. Sobre as teses do IUPERJ: ciências sociais e a construção democrática no Brasil contemporâneo. In: BARBOZA FILHO, R.; PERLATTO, F. **Uma sociologia indignada: diálogos com Luiz Werneck Vianna**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Homo Academicus**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017.

BURGOS, Marcelo Baumann. Cientistas Sociais da geração dos anos de 1980. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando. **Uma sociologia indignada: diálogos com Luiz Werneck Vianna**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

CARVALHO, Maria Alice Rezende. Temas sobre a organização dos intelectuais no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 65, 2007. DOI: 10.1590/S0102-69092007000300003

CARVALHO, Maria Alice Rezende. Textos, contextos e um Brasil. In: BARBOZA FILHO, R.; PERLATTO, F. **Uma sociologia indignada: diálogos com Luiz Werneck Vianna**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

COSTA, Izabel Cristina. Uma rede prestista: diversos fios dos 'filhos' da Carta aos Comunistas no PDT. **Perseu Abramo**, 7, 2013.

COUTINHO, Carlos Nelson. A democracia como valor universal. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 9, 1979.

CZAJKA, Rodrigo. A REVISTA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA: PROJETO EDITORIAL E RESISTÊNCIA CULTURAL (1965-1968). **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 35, 2010. DOI: 10.1590/S0104-44782010000100007

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FORJAZ, Maria Cecília. Cientistas e Militares no Desenvolvimento do CNPq. **BIB**, Rio de Janeiro, v. 28, 1989.

GROPPO, Bruno. Biografias e autobiografias como fontes para a história do comunismo. Os trabalhos de biografia coletiva após a abertura dos arquivos do Comintern. **Revista Contemporânea**, n. 2, 2012.

GUEDES, Armênio. Apresentação. **Presença - Revista de política e cultura**, v. 1, 1983.

HERMETO, Mirian. O prefácio de Gota d'Água: as bases de um projeto cultural de interface entre intelectuais e artistas na ditadura militar brasileira. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, 2012.

KEINERT, Fábio Cardoso. **Cientistas sociais entre a ciência e a política**. Tese (doutorado): Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2011.

KONDER, Leandro. **A democracia e os comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

LAHUERTA, Milton. Intelectuais e resistência democrática: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil. **Cad. AEL**, v. 8, n. 14/15, 2001.

LUCCA-SILVEIRA, Marcos Paulo. Intelectuais e a questão da democracia no Brasil: um estudo a partir da Revista Presença. **Dissertação (Mestrado)**, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2012.

LYNCH, Christian Edward Cyril. Entre a "Velha" e a "Nova" Ciência Política: Continuidade e Renovação Acadêmica na Primeira. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 3, 2017. DOI: 10.1590/001152582017132

MAIA, João Marcelo Ehlert. Lendo Gramsci e Lênin na periferia: a obra de Luiz Werneck Vianna e a sociologia política no Brasil e no mundo. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando. **Uma sociologia indignada: diálogos com Luiz Werneck Vianna**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

MALIN, Mauro. Armênio Guedes - um comunista singular. 1. ed. Rio de Janeiro: Ponteio, 2018.

MARCELINO, Giovanna Henrique. Seminário Marx - um capítulo brasileiro do marxismo ocidental? Revista Leviathan, São Paulo, v. 15, 2017. DOI: **10.11606/issn.2237-4485.lev.2017.155220**

MICELI, Sérgio. **A história das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, v. 2, 1995.

MICELI, Sérgio. Biografia e cooptação (o estado atual das fontes para a história social e política das elites no Brasil). In: _____ **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MICELI, Sérgio. **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, v. 1, 2001.

MICELI, Sérgio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil. In: MICELI, S. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MICELI, Sérgio. Por uma sociologia das ciências sociais. In: MICELI, S. **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, v. 1, 2001.

NAPOLITANO, Marco. No exílio, contra o isolamento: intelectuais comunistas, frentismo e a questão democrática nos anos 1970. **Estudos Avançados**, v. 28, n. 80, 2014. DOI: 10.1590/S0103-40142014000100006

PANDOLFI, Dulci. **Camaradas e companheiros**: memória e história do PCB. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PRESTES, Anita. **Viver é tomar partido**: memórias. Ebook: Boitempo Editorial, 2019.

PERLATTO, Fernando. Interpretando a modernização conservadora: a imaginação sociológica em tempos difíceis. Revista Estudos Políticos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 2014. DOI: **10.22409/rep.v5i10.38909**

RAMOS, Carlos. **A democracia no pensamento político dos comunistas brasileiros (1979-1983)**. Tese (Doutorado), Universidade Federal de São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, 2013.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2010.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2014.

RODRIGUES, Leôncio Martins. PCB: dirigentes e organização. In: FAUSTO, B. **História Geral da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 10, 1978.

RODRIGUES, Lidiane Soares. Poder, sexo e línguas entre marxistas brasileiros. **REPOCS**, v. 15, n. 31, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2236-9473.v16n31p131-158>

SILVA, Marcelo Fontenelle. **As condições sociais de produção e circulação de uma obra - considerações para uma análise de A Democracia como Valor Universal, de Carlos Nelson Coutinho**. Anais do 43º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu: [s.n.]. 2019.

SOUZA, Candice Vidal. **Repórteres e Reportagens no Jornalismo Brasileiro**. [S.l.]: FGV, 2010.

VIANNA, Luiz Werneck. **Liberalismo e sindicato no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VIANNA, Luiz Werneck. **A classe operária e a abertura**. São Paulo: CERIFA, 1983.

VIANNA, Luiz Werneck. **Travessia - da abertura à constituinte**. Rio de Janeiro: Livraria Tauros Editora, 1986.

VIANNA, Luiz Werneck. A institucionalização das ciências sociais e a reforma social: do pensamento social à agenda americana de pesquisa. In: VIANNA, L. W. **A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

Entrevistas

ARAÚJO, G.; LYNCH, C.; ROUCHOU, J.; HERCULANO, A. Luiz Werneck Vianna – entrevista. Fundação Casa de Rui Barbosa, **Escritos IV**, ano 4, nº 4, 2010.

CARVALHO, Maria Alice Rezende. Entrevista com Werneck Vianna. In.: **Especial para Gramsci e o Brasil**, 2008. Disponível em: <<https://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1001>>. Acessado em: 22/05/2019

CASTRO, C.; OLIVEIRA, L. Entrevista com Luiz Werneck Vianna. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Nº 35, 2005.

REIS, Elisa Maria da Conceição Pereira. Elisa Maria da Conceição Pereira Reis II (depoimento, 2008). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 51min).

SILVA, M. F. Entrevista com Marco Aurélio Nogueira: Intelectuais e comunistas no Brasil da redemocratização. **Agenda Política**, v. 9, n. 1, 2021b.

SILVA, M. F. Entrevista com Milton Lahuerta: Intelectuais e comunistas no Brasil da redemocratização. **Agenda Política**, v. 9, n. 1, 2021a.

VIANNA, Luiz Jorge Werneck. **Luiz Jorge Werneck Vianna (depoimento, 2012)**. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL; IIAM, 2013.

VIANNA, Luiz Werneck. Entrevista. In.: BASTOS, Elide Rugai. et al. **Conversas com sociólogos brasileiros**. São Paulo: Ed. 34, p. 219-250, 2006.

Tramitação do artigo na revista
Submetido: 21/01/2021
Revisões requeridas: 27/06/2021
Versão revista: 09/07/2021
Aceito: 20/09/2021